

Identidade, memória e cultura material: uma etnografia em torno do artesanato indígena Mbya Guarani no litoral do Paraná¹

Identidad, memoria, y cultura material: una etnografía em torno del artesanato indígena Mbya Guarani el litoral del Paraná

Identity, memory and material culture: one ethnography around Mbya Guarani indigenous handicraft at Paraná's coastline

Kássia da Cunha Antunes Coelho²

Francieli Lisboa de Almeida³

Resumo

O presente trabalho discorre e busca fazer uma reflexão acerca do artesanato indígena produzido por um dos grupos Guaranis da família linguística Tupi-Guarani, do tronco Tupi: os Mbya Guarani que estão presentes por toda extensão do litoral do Paraná, do qual buscou-se compreender as possíveis dimensões dadas ao artesanato através da exposição “*Nhande Mbya Reko: Nosso jeito de ser guarani*”, realizada no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR). Este trabalho foi produzido através de um projeto de iniciação científica e tem como objetivo central, a observação analítica e investigativa acerca das várias atividades que estão presentes no artesanato produzido pelos indígenas em questão. Procurou-se também compreender a importância sociocultural e econômica do artesanato para a comunidade, envolvendo a concepção de identidade, memória e cultura material; compreendendo a forma singular de relação com cada um dos processos que envolvem a concepção dos objetos por eles produzidos, e por fim refletir as possíveis relações com os não-índios em sua fase final de troca ou venda dos artefatos produzidos. É importante destacar que o litoral paranaense conta com sete aldeias indígenas com forte presença dos Mbya Guarani, e que a manutenção e valorização desses artesanatos é também um meio de resistência local. Neste sentido, durante a exposição ficou claro que a equipe do MAE buscou-se dialogar com a realidade por eles vivida, através de saídas de campo e reuniões realizadas com os representantes das comunidades, afim de construir a exposição por meio de uma curadoria compartilhada, percebendo com maior sensibilidade as nuances existentes nos aspectos citados anteriormente.

Palavras Chave: Artesanato; cultura material; identidade; Mbya Guarani; memória.

Resumen

El presente trabajo discurre y busca hacer una reflexión acerca de la artesanía indígena producida por uno de los grupos Guaranés de la familia lingüística Tupi-Guaraní, del tronco Tupi: los Mbya Guarani que están presentes por toda la extensión del litoral del Paraná, del cual buscó comprender las posibles dimensiones de la artesanía a través de la exposición “*Nhande Mbya Reko: Nosso jeito de ser guarani*” realizada en el Museo de Arqueología y Etnología de la Universidad Federal del Paraná (MAE-UFPR). Este trabajo fue producido a través de un proyecto de iniciación científica y tiene como objetivo central, la observación analítica e investigativa acerca de las diversas actividades que están presentes en la artesanía producida por los indígenas en cuestión. Se buscó también comprender la importancia sociocultural y económica de la artesanía para la comunidad, involucrando la concepción de identidad, memoria y cultura material; comprendiendo la forma singular de relación con cada uno de los procesos que involucran la concepción de los objetos por ellos producidos, para reflejar las posibles

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.

relaciones con los no indios en su fase final de intercambio o venta de los artefactos producidos. Es importante destacar que el litoral paranaense cuenta con siete aldeas indígenas con fuerte presencia de los Mbya Guarani, y que el mantenimiento y valorización de esas artesanías es también un medio de resistencia local. En ese sentido, durante la exposición quedó claro que el equipo del MAE buscó dialogar con la realidad por ellos vivida, a través de salidas de campo y reuniones realizadas con los representantes de las comunidades, a fin de construir la exposición por medio de una curaduría compartida, que perciben con mayor sensibilidad los matices existentes en los aspectos citados anteriormente.

Palabras claves: Artesanato; cultura material; identidad; Mbya Guarani; memoria

Abstract

The present papers discourses and intends a reflexion around indigenous handicraft produced by one of the Guarani's groups, relative to Tupi-Guarani linguistic family, of the kinship Tupi: Mbya Guarani's are present in all the extension of Parana's coastline, whose dimensions given by its handicraft were seeked to be comprehended by the exhibition "*Nhande Mbya Reko: Nosso jeito de ser guarani*", fulfilled on the Archeological and Ethnological Museum of the Federal University of Paraná (MAE-UFPR). This paper was produced via a scientific research, whose central purpose is, investigate and create an analytical observation around the various current activities on handicraft produced by the indigenous in focus. The economic and sociocultural value of the handicrafts for the community were explored as well, involving the conception of identity, memory and material culture; understanding the singular form of relation with each of the processes that involves an conception of the handcrafted objects produced by them, and lastly, reflect the possible relations with the non-indigenous on the final phase of exchange or trade the crafted artifacts. It's important to enhance that the paranaense coastline counts with several presence of Mbya Guarani's on seven indigenous villages, the maintenance and appreciation of the handicrafts are a way of local resistance too. In this context, during the exhibition, it came clear that the MAE team seeked to dialog with their lived reality, through the reunions and field trips performed with the community leaders, with the purpose of build an exhibition via shared curatorship, realizing with a major sensibility the nuances quoted on the existing previously aspects.

Keywords: Handicrafts; Material Culture, Identity; Mbya Guarani; Memory.

1. Etnografia da exposição

Ao chegar no prédio histórico do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da UFPR, na cidade de Paranaguá/PR, logo nos deparamos com um casarão de três andares do século XVIII, mas com uma moderna entrada de vidro abrigando a recepção que fica no terceiro andar do prédio, cabe a observação de que, pelo fato do prédio ter sido construído em uma ladeira, sua entrada localiza-se na parte mais alta da rua. Neste ponto arquitetônico o velho e o novo misturam-se. No interior do prédio, um piso escuro de madeira, paredes brancas com marcas do tempo que contrastam com janelas verdes, e no claustro, o primeiro andar do prédio, é possível observar a disposição das pedras que serviram para a construção da estrutura do museu.

A exposição "*Nhande Mbya Reko: Nosso jeito de ser guarani*", objeto de estudo deste artigo, encontra-se no segundo andar do prédio, é preciso passar pela exposição "Assim

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático "ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos" durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.

vivem os homens” de cultura popular, e descer um lance de escadas. Ainda antes de finalizar a descida ouvimos um som “quebrando” o costumeiro silêncio de um museu, onde é possível perceber a melodia cantada em uma língua incomum, que toma conta do ambiente, sinal de que chegamos à exposição “*Nhande Mbya Reko: Nosso jeito de ser guarani*”.

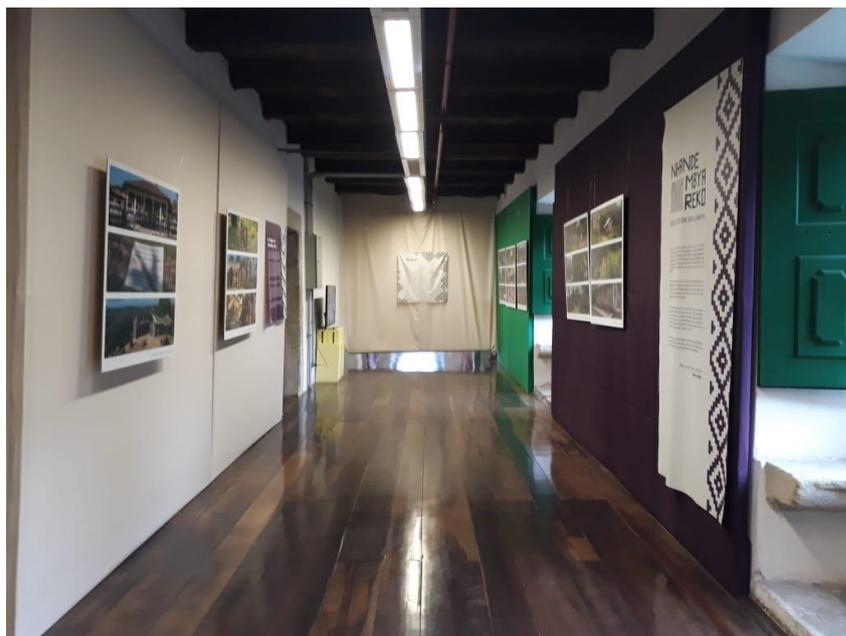
Disposta em três espaços principais, a exposição divide-se dentro da proposta de conduzir os visitantes ao princípio que rege a exposição: (i) os objetos destinados a comercialização, que são criações de *Anhã* na mitologia *Mbya* e (ii) os objetos sagrados, de uso cotidiano dos indígenas, criações de *Nhanderu*. No primeiro espaço, situado no corredor do museu, encontramos informações que fazem uma apresentação geral da exposição, apresentando as aldeias que colaboraram com o projeto e ainda no mesmo ambiente, várias fotos em sequência mostrando o cotidiano nessas aldeias com uma legenda sobre as suas localizações. Ao final do corredor um glossário, em *Mbya Guarani* e português, com algumas palavras presentes no decorrer da exposição, tudo disposto em painéis nas cores roxo, verde e bege, pendurados na parede. Ao lado uma televisão de onde sai o som que ouvimos logo no início. Trata-se de um vídeo produzido pela equipe do MAE apresentando imagens do momento que chegaram às aldeias na fase inicial do projeto e o cotidiano dos indígenas na produção do artesanato¹, uma breve exibição audiovisual da cultura *Mbya Guarani*.

¹ Reconhecemos que há no campo da Etnologia Indígena amplo debate sobre as categorias arte\artesanato, mas que não será abordado nesse artigo. Consideramos a categoria nativa utilizada para abordar os objetos aqui em questão: artesanato e assim mantivemos.

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguazu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.



Fotografia 1 – Primeiro espaço da exposição (corredor) com informações gerais.

Fonte: fotografia de Kássia C. A. Coelho

Ao adentrar o segundo espaço, percebemos uma sala com objetos dos mais variados como *ajaka* (cesto), *vixo ra'anga* (animais em madeira), *mbo'y* (colar), *namixãi* (brinco), *poapyregua* (pulseira), que são feitas com miçangas, *guyrapa* (arco) e *hu'y* (flecha), também dispostos em painéis nas cores já mencionadas, apenas as cestarias que além de estarem organizadas nos painéis, também estão penduradas no teto por fios transparentes, o que permite a observação por diferentes perspectivas. Cada grupo de objetos conta com uma ficha de descrição, apresentando o artesanato a quem visita a exposição. No centro da sala há uma mesa comprida, que serve principalmente para ações educativas quando o museu recebe as escolas do município e região. Nesta sala encontram-se todo o artesanato reservado a comercialização, que para os guarani são as criações de *Anhã*.

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.



Fotografia 2: Sala dos objetos destinados a comercialização, criações de *Anhã*

Fonte: fotografia de Kássia C. A. Coelho

Caminhando para o terceiro espaço da exposição, ao sair da sala do artesanato destinado a comercialização, logo percebemos a presença de dois *ajaka* (cestos) dentro de vidros quadrados elevados do chão, como que protegidos de qualquer toque que um visitante ficasse tentado a dar. Claramente esses objetos possuem outra disposição e, portanto, outro significado. Pela ficha de identificação sabemos então que se trata de objetos de uso na aldeia, portanto, não são comercializáveis, e que sendo criações de *Nhanderu* são objetos sagrados.

Segundo a ficha “*As criações de Nhanderu e Anhã*” disponibilizada na exposição aos visitantes, no início dos tempos, *Nhanderu eté*, considerado a maior divindade dentro da religiosidade Guarani, gerou a natureza, os alimentos e as coisas, e pensando sob a perspectiva do artesanato, para eles *Nhanderu* é quem criou os *ajaka* (cestos) de diversas formas e tamanhos, mas decorados com apenas dois tipos de desenhos bem simples e sem cores fortes, apenas a cor clara da taquara e a cor escura da casca do cipó do imbé, com que fazem os grafismos. *Anhã*, também conhecido como *Xariã*, que é considerado irmão de *Nhanderu*, tinha outras ideias com relação aos *ajaka* (cestos), ele queria se beneficiar em cima da criação de *Nhanderu* e criou balaios com desenhos mais complexos e coloridos, pois acreditava que os *jurua*, não indígenas, se sentiriam atraídos e comprariam aqueles objetos. Desse modo, os objetos comercializados são os criados por *Anhã*, enquanto os criados por

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.

Nhanderu são estritamente destinados a *opy* (casa de reza) e as atividades cotidianas da aldeia, sendo muito mais simples e sem muitos adornos.



Figura 3: *Ajaka* (cesto) de uso restrito da aldeia, criação de *Nhanderu*

Fonte: fotografia de Kássia C. A. Coelho

Adentrando a sala seguinte, percebemos um ambiente completamente diferente e que de forma muito especial é apresentado aos visitantes do museu, pois por muito tempo não era permitido mostrar este espaço para os *jurua*, os não indígenas. Trata-se de uma *opy*, ou casa de reza, um espaço muito restrito ao povo Guarani, sendo a base de sua espiritualidade. Diferente dos espaços mencionados anteriormente com painéis de cores fortes, a *opy* se apresenta com grandes painéis com fotos que retratam as paredes no interior da casa de reza, feitas de barro com um aspecto muito rústico e simples, há pouca luz neste espaço, pois na *opy* a iluminação é feita apenas com velas. Duas esculturas retratando os *karai*, figuras centrais na espiritualidade dos Guarani, chamam especial atenção neste espaço, há uma grande riqueza de detalhes nas figuras esculpidas, como as expressões faciais e os detalhes dos dedos. Atrás delas instrumentos de música como a rabeca, e outros objetos de uso religioso são expostos, objetos sagrados que são usados nos rituais na *opy*.

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.

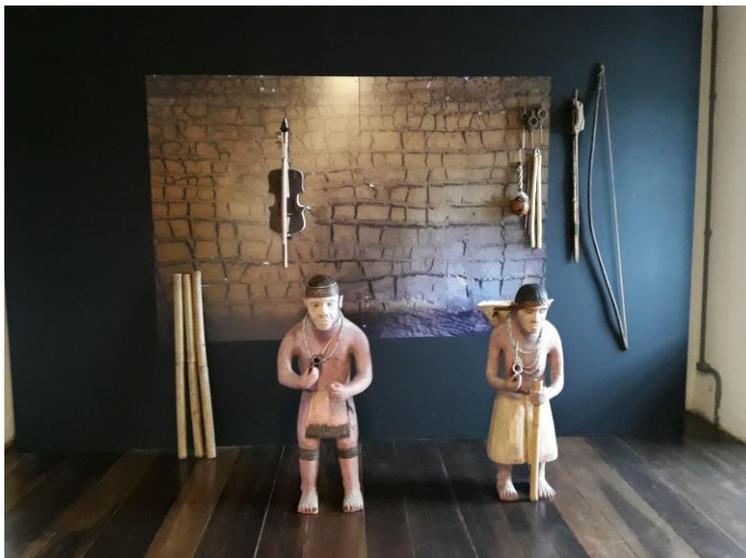


Figura 4: Representação do interior de uma *opy* (casa de reza)

Fonte: fotografia de Kássia C. A. Coelho

2. A exposição enquanto um projeto de curadoria compartilhada no MAE-UFPR

A exposição “*Nhande Mbyá Reko: Nosso jeito de ser guarani*” teve início em 11 de julho de 2018 e ficará aberta ao público até 04 de agosto de 2019. Ela é resultado do diálogo de professores do Departamento de Antropologia da UFPR, a equipe do museu e as comunidades indígenas Mbya localizadas na região do litoral paranaense, sendo elas: *Guaviraty* e *Karaguata Poty* em Pontal do Paraná-PR, *Kuaray Guata Porã* ou Cerco Grande e *Kuaray Haxa* em Guaraqueçaba-PR e *Pindoty* na Ilha da Cotinga em Paranaguá-PR.

A proposta de ser uma experiência de curadoria compartilhada², ou seja, a partir de um processo de colaboração ativa nas decisões sobre a exposição em si, teve por objetivo apresentar alguns aspectos da forma de vida Guarani dentro da arte, sua cosmologia (como o modo de ver e se situar no mundo) e religiosidade, tendo como ponto de partida o artesanato por eles produzido.

² Uma experiência emblemática no Brasil de curadoria compartilhada realizada com equipe do MAE-USP com indígenas Xikrin Kayapó e a antropóloga Lux Vidal foi registrada no artigo “Objetos vivos: a curadoria da coleção etnográfica Xikrin-Kayapó no Museu de Introdução Arqueologia e Etnologia – SP” de César Gordon e Fabíola Silva de 2005. É importante ainda registrar que a exposição “*Nhande Mbyá Reko*” não foi a primeira com essa proposta no MAE-UFPR, recentemente também houve a “*Kāchi Katukina*” da prof^a Edilene Coffaci de Lima com Nivaldo Mamê Rodrigues Katukina e Fábio Wisi Rodrigues Katukina, povo do Acre.

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.

As lideranças indígenas e suas comunidades, que participaram do processo de construção da exposição, falaram na ocasião da abertura da exposição sobre a sua importância para o fortalecimento da cultura indígena e, principalmente, por se tratar de uma cultura indígena presente na região do litoral. Desse modo é possível relacionar a exposição como um ato político de fortalecimento cultural e de memória para as atuais e próximas gerações, de modo a mostrar aos *juruá*, os não indígenas, a cultura *Mbya Guarani*. Afinal, se cabem outras culturas naquele importante espaço de memória que é o museu, um espaço também lhes cabe aí. E nesse processo os indígenas estavam conscientes e atentos a isso.



Figura 5: Lideranças indígenas presentes na abertura da exposição

Fonte: fotografia de Kássia C. A. Coelho

Laura Pérez Gil, diretora do MAE-UFPR e uma das curadoras da exposição, relatou em uma conversa informal após a abertura do evento, que o projeto da exposição teve início com um convite às seis das sete aldeias presentes no litoral do Paraná. Nesse primeiro momento a equipe do MAE buscou levar todos os materiais necessários para explicar às lideranças o que de fato era uma exposição etnográfica visto que não estavam habituadas a essa forma de expressão artística e cultural e no início apresentaram certa dificuldade de compreensão do que de fato resultaria essa proposta. Na sequência as lideranças buscaram levar a ideia para suas comunidades a fim de chegarem a uma resposta final sobre a participação, ou não, na exposição. Depois dessa fase, foram realizadas reuniões entre dezembro de 2017 e maio de 2018 com os participantes do projeto.

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.

Ainda na mesma conversa, a diretora descreveu que a primeira reunião foi realizada em Paranaguá, e contou com a presença de dois representantes de cada uma das aldeias que haviam decidido participar da exposição, nesta fase do processo Laura explicou que havia sido sugerido que estivessem presentes um homem e uma mulher de cada comunidade, uma vez que buscava-se uma maior diversidade de relatos, pensando também que dentro do fazer artesanal há vinculadas questões de gênero e uma divisão social do trabalho, como ressalta Zélia Bonamigo em sua dissertação sobre a economia dos *Mbya Guarani* na ilha da Cotinga em Paranaguá-PR: “as mulheres trabalhavam na confecção de cestos, e os homens faziam arcos, flechas, bonecos artesanais, entre outros. As finalizações dos trabalhos eram compartilhadas.” (2009, p.153).

A ocasião da abertura da exposição, Laura Pérez Gil, comentou sobre as etapas desse projeto de curadoria compartilhada, que relatamos a seguir, pois revela os seus pormenores.

Na primeira reunião foi também discutido qual seria o tema da exposição, pois era de fundamental importância que a temática partisse dos próprios indígenas. Chegou-se ao resultado de falar sobre o artesanato, dentre os vários motivos para escolha do tema destaca-se o fato de o artesanato ser uma fonte de renda importante para a manutenção das aldeias, embora haja clara desvalorização desses objetos que, de maneira geral, paga-se muito pouco, não há espaços adequados para a sua comercialização, de modo que muitas vezes ficam vagando pelos centros das sedes municipais ou então indo até os turistas na época de alta temporada no verão, ficando desse modo em alguma medida vulneráveis às hostilidades por parte de alguns não indígenas que não compreendem suas atividades e trânsitos. Outro ponto bem relevante que gostariam de trazer para a exposição seria a dimensão espiritual dos *Mbya* que também aparece na distinção dos objetos, pois, existem os que são feitos já com o objetivo de serem comercializados, enquanto que outros não. E essa distinção parece ser um dos princípios que orientam a exposição.

A segunda reunião, como explicou Laura, aconteceu em Curitiba, onde está situada a reserva técnica do MAE-UFPR. E a ideia era que os indígenas a conhecessem, uma vez que lá haviam peças de uma outra coleção mais antiga que também eram pertencentes ao povo *Mbya Guarani*. Nesta etapa também foi discutido sobre o nome da exposição, as cores que seriam usadas e a forma como os objetos estariam dispostos. Como se percebe, havia grande

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.

preocupação que a curadoria fosse efetivamente compartilhada. Um dos pontos ressaltados pelos indígenas, foi o interesse, por parte das comunidades, em querer levar fotografias das suas aldeias para exposição, como forma de situar minimamente o visitante do museu com relação às aldeias e ao modo como vivem nelas, o que avaliaram que enriqueceu ainda mais o resultado deste trabalho.

Por fim, a terceira e última reunião também foi realizada em Curitiba, com o objetivo de realizar os ajustes finais da exposição, entre eles a escrita dos textos explicativos para orientar os visitantes, que também foram produzidos em conjunto, afim de mostrar com maior fidelidade possível as reais significações dos objetos expostos, como também a escolha das fotografias que estariam presentes na exposição.

A antropóloga Regina Abreu no artigo “*Museus etnográficos e práticas de colecionamento: antropofagia dos sentidos*” (2005:113) comenta sobre esses deslocamentos em que os indígenas reivindicam para si o lugar privilegiado e de autoridade de fala sobre si e a sua cultura, cabendo aos antropólogos o lugar de mediadores, não cabendo-lhes mais o papel de falar *por*, mas falar *com* os indígenas. E isso sem dúvida produz exposições com discursividades bastante distintas e muito mais próximas das realidades que se objetiva abordar. Além do que é um convite para que os indígenas também se sintam parte do museu e assim, renovando permanentemente a sua função social enquanto museu universitário (PEREZ GIL, 2012).

Em sua pesquisa sobre o acervo etnográfico do MAE-UFPR, Perez Gil (2012, p.103) revela que apesar de o Museu ter sido criado na década de 60, a instituição é ainda pouco conhecida, com projeção mais local e regional. A autora ainda retrata que paradoxalmente, a maior parte do acervo de etnologia é composto por objetos de povos indígenas de outras regiões do Brasil, enquanto os grupos locais, como os *Mbya Guarani*, eram pouco representados. “Nesse sentido, a constituição da coleção Guarani faz parte de um esforço atual por tornar mais presente a realidade paranaense e acentuar a inserção do MAE no âmbito regional.” (PEREZ GIL, 2012, p.105). Percebe-se então um esforço desde 2012 para contemplar mais fortemente a diversidade ético-cultural presente no Paraná.

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.

Nesse contexto de valorização das identidades regionais surge a exposição já mencionada acima, buscando apresentar o artesanato *Mbya Guarani* da perspectiva dos indígenas, sabe-se que em muitas comunidades o artesanato é a principal fonte de renda para a manutenção das aldeias, contudo, isso não significa que o objetos passam a ser norteados somente pelo seu papel econômico, é então necessária uma contextualização do que se vende e do que não se vende partindo da cosmologia e religiosidade Guarani.

3. Os Guarani, o prédio histórico do MAE e a *Tava*

O prédio que abriga o MAE-UFPR tem uma história relevante, para indígenas e não-indígenas, então reservamos uma seção no artigo para abordá-la, ainda que de forma bastante breve e insuficiente, como adiantamos.

Segundo informações coletadas no museu, a história da construção do edifício está inteiramente ligada à história da Companhia de Jesus dos padres jesuítas, que chegaram no Brasil entre os séculos XV e XVI com o objetivo de evangelizar os nativos. Assim como em outros locais nos quais se fixaram para suas atividades missionárias, em Paranaguá não foi diferente e houve a construção do que ficou conhecido por Colégio Jesuíta.

O processo de construção do edifício começa então com uma petição da Câmara de Paranaguá ao padre superior da Companhia de Jesus em Roma enviada em 1682, no qual solicitava a presença integral de jesuítas na vila. Depois de anos de muita burocracia e espera o colégio foi inaugurado em 19 de março de 1755. O local funcionou por pouquíssimo tempo como um colégio jesuíta, pois, quando estes foram expulsos das Américas, através de uma determinação da lei Pombalina em 1759, todos os bens foram passados para a Coroa Portuguesa, entre eles tal edifício.

A construção passou então a abrigar coronéis, tenentes, batalhões e outras autoridades que estavam de passagem. No ano de 1938, foi Tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual IPHAN), especialmente pelo fato de o edifício ser a única construção em estilo colonial em três andares existentes no sul do Brasil. Portanto, possui uma particularidade arquitetônica referencial.

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.



Figura 6: Foto antiga no prédio do MAE

Fonte: IPHAN

No ano de 1958 a guarda do edifício foi confiada à Universidade Federal do Paraná, jovem instituição naquela época. O prédio passou então por um período de reforma e restauração, sendo que em 26 de julho de 1963, já funcionando como museu, o prédio foi inaugurado e passou a ser aberto para visitação como Museu de Arqueologia e Artes Populares - MAAP³. A proposta de Loureiro Fernandes, figura importante para consolidação do museu e na época catedrático de Antropologia da Universidade Federal do Paraná, era de centralizar o acervo do museu na recuperação das tradições populares e divulgação das pesquisas, especialmente na área que arqueologia, que estava em pleno desenvolvimento no Paraná neste período. Tal proposta permanece até o ano de 1992, quando o museu sofreu alterações em sua estrutura e passou a se chamar Museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá - MAEP. Em 1999 o museu teve novamente seu nome alterado para Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidades Federal do Paraná - MAE/UFPR, que leva até os dias de hoje.

³ O histórico a partir daqui pode ser lido no artigo de Marcia Rosato (2012) dentre TCCs e dissertações do Departamento de Antropologia da UFPR.

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguacu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.

Para os Guarani esse edifício possui uma outra história e relevância. Considerados um dos povos originários das Américas, os *Mbya* são um dos grupos indígenas mais numerosos no Brasil. Segundo Ladeira (2008, p.41) o território ocupado pelos *Mbya Guarani* compreende partes do Brasil, Paraguai, Argentina e do Uruguai. A maior parte da população Guarani vive no Brasil, cerca de 85 mil pessoas, segundo o mapa Guarani continental de 2016 do Instituto Socioambiental⁴. A importância do prédio para este povo está no fato de o edifício ser considerado uma *Tava*, ou seja, uma construção de pedra onde segundo a cosmologia Guarani viveram e foi realizada pelos seus antepassados. Portanto, cada pedra usada para estrutura na construção do prédio carrega a história do povo Guarani. E como sabemos, não foram os jesuítas que carregaram as pedras dessa e de outras construções. História muito semelhante se passa na região missioneira no Rio Grande do Sul, Argentina, Uruguai e Paraguai.

Na abertura da exposição “*Nhande Mbya Reko: Nosso jeito de ser guarani*”, alguns indígenas comentaram a relevância daquele lugar como uma *Tava* em toda dimensão espiritual que ela carrega. No Inventário de Referências Culturais realizado pelo IPHAN *com e sobre* a comunidade *Mbya Guarani* na região das missões no RS a partir do monumento patrimônio da humanidade de São Miguel Arcanjo, José Otávio Catafesto de Souza escreveu que:

As narrativas orais *Mbya* apresentam registros de importante valor histórico, do tempo em que os antigos *Guarani* já utilizavam as pedras para a construção de suas aldeias: do tempo em que os jesuítas - convertidos na figura de uma espécie de herói civilizador (*kesuit*) - foram convidados a contribuir no processo de barganha pela soberania frente às Coroas Ibéricas; do tempo das guerras em que muitos morreram e da expulsão dos jesuítas. (SOUZA, 2007, p.31)

É possível identificar neste trecho elementos na história da construção do prédio do museu, mesmo que a descrição se refira a *Tava Miri* São Miguel Arcanjo em São Miguel das Missões-RS. Souza (2007, p.31) ainda descreve que há “uma mensagem silenciosa, que perdura até hoje em cada bloco de pedra [...] mensagem deixada para que os conquistadores europeus e seus descendentes reconhecessem e respeitassem os direitos originários Guarani sobre a terra e seus recursos.”

⁴ Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/mapas/mapa-guarani-continental-2016>.

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.

De acordo com essas informações do Inventário do Iphan e outras disponíveis no site da instituição, estar na *Tava* aciona dimensões estruturantes e afetivas na vida social e na memória dos *Guarani Mbya*, promovendo sentimentos de pertencimento e identidade.

Os vídeos indígenas de Ariel Duarte Ortega e Patrícia Ferreira abordam reiteradamente a história do povo Mbya, a luta pela terra, a mobilidade e elementos da sua espiritualidade. Especialmente em “Bicicletas de Ñhanderu” e “Desterro Guarani” abordam a questão das *Tavas*, enquanto lugares de memória, identidade e espiritualidade do seu povo.

Portanto, a exposição ser numa *Tava* possui uma relevância inteiramente distintiva para os Mbya, especialmente para aqueles que vivem nessas aldeias do litoral. Além de os seus objetos estarem expostos no museu, e assim, poderem ter a sua cultura enfatizada num contexto de disputas, que veremos a seguir, estão abrigados numa *Tava*, que por si já condensa elementos espirituais e históricos de seu povo.



Figura 5: *Tava Mbya* e Prédio histórico do Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE

Fonte: PROEC - Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR.

4. Território Guarani: Dimensão dos conflitos

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.

A tensão sobre as aldeias Mbya na região do litoral do Paraná não é muito distinta da situação contemporânea dos diversos povos indígenas que enfrentam pressão sobre os seus territórios, sendo em muitos casos, provenientes do surgimento ou expansão de pequenos, médios e grandes empreendimentos em seus territórios ou no entorno, causando impactos consideráveis em seus modos de vida.

Durante a abertura da exposição houve relatos, por parte dos indígenas, sobre a falta de conhecimento dos *jurua*, não indígena, com relação ao território Guarani, segundo eles comumente eram indagados sobre qual sua origem, sendo que há inúmeras fontes históricas que relatam a presença dos Guarani antes mesmo do estabelecimento dos europeus na região. Assim como a narrativa indígena no vídeo “Desterro Guarani”, por vezes os não-indígenas pensam que os indígenas foram dizimados ao longo do processo de colonização, restando-lhes ocupar um papel que os *jurua* observam com dúvidas ou sentimento de piedade.

Das aldeias Mbya que participaram do processo de curadoria compartilhada com o MAE, apenas a *Tekoa* (aldeia) *Pindoty* localizada na ilha da Cotinga, no município de Paranaguá-PR, é demarcada como terra indígena, sendo que as demais ainda estão em processos de identificação, o que no atual cenário pode levar décadas. E a demarcação de territórios além de direito formal dos povos indígenas, bem claro na Constituição Federal de 1988, fornece também garantias mínimas de existência física e cultural. Também séries de políticas públicas são mais facilmente acessadas quando os territórios estão demarcados.

As proibições impostas por órgãos de legislação ambiental, principalmente no que se refere aos roçados, impossibilitam que os Guarani exerçam seu modo de viver tradicional. “Faltando espaço e condições à reprodução de suas técnicas tradicionais de produção, os *Mbya* valem-se da confecção e venda de artesanato [...] como principal forma atual de sustento.” (SOUZA, 2007, p.12). É importante enfatizar, que mesmo a produção do artesanato, especialmente com a produção de cestos e balaios variados, colares, pulseiras, arcos, fechas e bichos em miniatura, que a matéria-prima para a sua confecção depende em grande medida dos recursos naturais disponíveis no território.

As aldeias situadas nos municípios de Pontal e Paranaguá (na Ilha da Cotinga) tem enfrentado grandes dificuldades com relação aos projetos de expansão e implementação de terminais portuários e empreendimentos associados a eles, pois ao apontar impacto sobre suas

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.

aldeias, parte das populações locais tem hostilizado os indígenas, compreendendo suas presenças como se atrapalhassem o desenvolvimento local e regional. Essa tensão também acontece em outras diversas regiões do país, como nos casos de mineração, linhas de transmissão, construção de hidrelétricas, barragens, etc.

Convidar para o museu um povo, é inevitavelmente trazer e abordar sobre suas questões. Essa exposição cumpre esse papel de dar visibilidade ao povo Mbya, ao seu artesanato como fonte de renda, ao seu modo de se relacionar entre si, com o meio (natural ou humano) e com os entes sobrenaturais.

Como sugere Van Velthem (2012, p.63) “Na atualidade, os museus etnográficos nacionais possuem um importante papel a desempenhar em uma política que considere efetivamente as demandas indígenas.” Com isso além de toda produção de conhecimento, a exposição ainda traz consigo uma dimensão política que está intrínseca a exposição, pensando na turbulenta fase de demarcações de terras indígenas sofrido historicamente no Brasil e a visibilidade que este povo em questão ganha através de uma exposição museológica.

5. Considerações finais

Primeiramente gostaríamos de enfatizar a relevância de experiências como essa de curadoria compartilhada pelos museus, especialmente os universitários como o MAE, trazendo outras perspectivas para renovar as suas práticas e experiências museológicas, fazendo valer o papel social que lhe cabe enquanto instituição pública.

Também a importância de se abrir as portas dos museus e torná-los representativos acima de tudo, das culturas que estão no seu entorno, no caso de Paranaguá, das comunidades caiçaras, indígenas, quilombolas, dentre tantas outras. Pois dessa forma esse espaço passa a ser efetivamente parte das culturas locais e não apenas um monumento frio à beira do rio Itiberê no centro histórico parnanguara com selo de patrimônio.

No caso dos Mbyá, e as diversas falas na abertura da exposição deixaram isso claro, se sentiram acolhidos e participantes ativos na construção das discursividades sobre o seu modo de vida para que o *jurua* possa conhecê-los melhor, como talvez, um primeiro passo para o respeito e a valorização dessa cultura.

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguazu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.

Por se tratar de um tema muito vasto, é inegável que há muito o que analisar no tocante ao artesanato dos Guarani, e este trabalho não deixa de ser um começo, que procurou apresentar apenas algumas, das várias nuances que o artesanato indígena dos Guarani contempla: o artesanato não apenas como artefato comercial, mas também como arte particular, que se refere especialmente a identidade e ao modo de ser Guarani, preservado em um espaço de memória, como é o caso do museu, afim de valorizar a cultura material dos povos tradicionais, fazendo-o conhecido para a população litorânea e demais visitantes do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná – MAE-UFPR.

Referências

ABREU, Regina. Museus etnográficos e práticas de colecionamento: antropofagia dos sentidos. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 31, p. 100-125, 2005. (Revista)

BONAMIGO, Zelia Maria. A Economia dos Mbya-Guarani: trocas entre homens e entre deuses e homens na Ilha da Cotinga. **Paranaguá-PR, Curitiba: Imprensa Oficial**, 2009. (Dissertação)

GORDON, Cesar; SILVA, Fabíola. *Objetos vivos: a curadoria da coleção etnográfica Xikrin-Kayapó no Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE – USP*. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n 36:93-110, 2005.

LADEIRA, Maria Inês. **Espaço geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso**. EdUSP, 2008, p. 41-53. (Capítulo de Livro)

PEREZ GIL, Laura . O acervo etnográfico do MAE-UFPR: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR). **Questões Indígenas e Museus: Debates de Possibilidades**, Brodowski, Sp: :ACAM Portinari, 2012, p.104-112. (Capítulo de Livro)

SOUZA, José Otávio Catafesto de. Tava Miri São Miguel Arcanjo, Sagrada Aldeia de Pedra: os Mbyá-Guarani nas Missões. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-RS**, 2007. (Inventário)

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.

VAN VELTHEM, Lucia Hussak. O objeto etnográfico é irreduzível? Pistas sobre novos sentidos e análises. **Boletim do Museu Paraense. Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 1, p. 51-66, jan.-abr. 2012. (Artigo em Periódico)

Portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/507/>. Acesso em: 19 de julho de 2018.

Mapa Guarani Continental. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/mapas/mapa-guarani-continental-2016>. Acesso em 19 de julho de 2018.

Imagem do prédio histórico do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná - MAE/UFPR. Disponível em: <http://www.proec.ufpr.br/links/mae.html>. Acesso em 21 de julho de 2018,

1 Artigo apresentado no Simpósio Temático “ST 10 – Jovens Pesquisadores Latino-americanos” durante o II Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult em Foz do Iguaçu/PR, Brasil, 2018.

2 Graduanda em licenciatura em ciências sociais; Instituto Federal do Paraná - IFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; kassiadacunha@gmail.com

3 Docente no IFPR-Paranaguá-PR e doutoranda no PPGA da UFPR; Paranaguá, Paraná, Brasil; francieli.almeida@ifpr.edu.br.